

Ecclesia



Janeiro de 1952
Ano 4.º

N.º 13

Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(Aparece em Janeiro, Março, Maio, Julho, Setembro e Novembro)

DIRECTOR:
EDUARDO H. MOREIRA
Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64729

ADMINISTRADOR:
DANIEL DE PINA CABRAL
Rua 14 de Outubro, 388 -- VILA NOVA DE GAIA -- Tel. 3995

• Analfabetismo •

QUASE ao cabo do ano que findou agora, com modéstia, sem dúvida, mas com admirável carinho, solenizaram-se há semanas as "bodas de diamante" da "Cartilha Maternal", do genial poeta João de Deus. Isto me leva a trazer o meu contributo a um sucesso que reputo importante, ainda que não, talvez, como outros o olharam: como a palavra final e irresponsável sobre a maneira de ensinar crianças e adultos analfabetos.

Pedagogos sabedores (que não eu) encontram defeitos no método famoso, principalmente no uso de termos abstractos, que nada dizem à mente infantil, isto logo desde as primeiras lições, onde também aparecem ideias tristes, em termos também por isso considerados inconvenientes.

Relembro singelamente o facto e não insisto nele, porque o meu intento é afirmar que se deve, sim, festejar um grande talento posto ao serviço dum grande cora-

ção, que sabia amar o povo e os pequeninos, e os serviu até onde pôde. Nesse sentido os louvores devem ser estendidos a todos quantos concorreram para a educação popular, com seus métodos, melhores ou peores: Castilho, Travassos Lopes, Borges Grainha, Trindade Coelho...

Pois não sabemos nós que todas as grandes conquistas, do fogo, do ar, da electricidade, do vapor, da desagregação do átomo, das ondas hertzianas, seja do que fôr e seja em que campo fôr, resultaram do concurso de sucessivos tentâmenes, de numerosos obreiros do progresso; por vezes de fracassos, muitas vezes de vitórias parciais — como que a ensinar ao homem que deve trabalhar de companhia e não pensar cada um, ao chegar, ter edificado sem alicerces que outros cavaram e sem materiais que outros descobriram e removeram, sem leis que outros vislumbraram ou verificaram?

Muito custa ao indi-

SUMÁRIO DO N.º 13

Analfabetismo	1
Reminiscências e Perspectivas	2
Homens de Deus	4
Mensagem aos Médicos	5
Hinódia Lusitana	7
A Ti, ó Deus (hino com mus. de Sibelius)	9
No Atrio — Na Nave (Homília)	10
Lusogramas	11
Concurso de Ecclesia	12

ECCLESIA passa a sair bimestralmente e com novas condições de assinatura, vantajosas para os seus assinantes, já porque terão mais páginas de leitura, já porque será mais frequentemente recebida. Esperamos assim satisfazer todos os nossos amigos, a quem cumprimos.

víduo conhecer-se como membro de uma grande família! E muito custa a uma nação ou estirpe sentir-se solidária com todo o rebanho humano, rebanho de dores e de sonhos, que vai deixando pela estrada da história a lentapista de sangue e de luz!

Ainda vigora no mundo a velha mania pagã de edificar nichos e edículos, e, o que é ainda peor, de **parar** diante deles.

Pois amigo leitor, falemos mais um pouco de **analfabetismo**.

Sabemos todos que há várias espécies de **alfabeto**; portanto há várias origens de **analfabetismo**. Por exemplo: há um alfabeto fonético, constituído de sons, e um alfabeto gráfico, constituído de sinais escritos. Há quem aprenda um e desconheça ou despreze o outro. Preso ao sinal gráfico, um mal-ensinado erra os sons; preso ao fonema, ao elemento sonoro, um mal-ensinado erra na expressão visual. Isto dito e decerto compreendido, creio poder agora avançar que há um alfabeto

ideológico, e por isso há "analfabetos" que sabem ler e escrever... mas não têm consciência do que lêem e do que escrevem.

A Lei mosaica, com todo o seu cerimonial, foi um admirável alfabeto doutrinário, por ser um conjunto de símbolos com que se construía a grande Verdade e as verdades orientadoras de um povo rude de grosseiros pastores de mente escura e dura cervis. E quantos analfabetos espirituais encontrou Jesus Cristo, ao fim de quinze séculos de mosaísmo; do labor regular do sacerdócio levítico; de movimentos de agitação profética; de persistência da Revelação, que ia crescendo em claridade como o dia que desponta; expressa em crónicas viris e em poesia sublime e em paternal didáctica!

Quanto analfabetismo espiritual nós vemos por aí, em inconsciente alardo, bem mais prejudicial que o outro, o analfabetismo em que todos falam, e que é sem dúvida um cancro social!

Deus valha à nossa Terra, à nossa Gente, livrando-a de toda e qualquer espécie de analfabetismo.



A Exposição de Arte Sacra Missionária nos Jerónimos, em Novembro passado, foi uma bela iniciativa dos elementos activos da Igreja Católica Romana, incluindo a Agência Geral do Ultramar. Decerto que os cem contos contribuídos pelos visitantes foram uma gota no oceano das despesas que o certame acarretou; mas que é o dinheiro, vil metal, comparado com a lição de arte e de história, e o banho de beleza recebido por meio do concurso da música suavíssima e da luz admiravelmente combinada e projectada, e as preciosas colecções de marfins trabalhados, paramentos de fina bordadura, quadros de pintura oriental, de inspirada execução?

Não sei se as conferências realizadas esclareceram o povo inculto acerca do valor etnológico da arte católica dos povos primitivos; se o fizeram, o plano ficou completamente realizado. Como católicos que somos aplaudimos o belo certame; e como reformados queríamos ver uma outra exposição, que há bastantes anos foi proposta às missões evangélicas: de pedagogia missionária. Gostaríamos de fazer uma crítica da exposição dos Jerónimos, referindo quatro

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS



quadros que têm a oração por tema, prova comovente de que o espírito da prece e o sentido da comunhão espiritual com Deus não está

extinto nas missões católicas romanas. Notável é que um quadro único nos mostra a Bíblia em função: Alberto Laerzio, em 1606, oferece um exemplar das Escrituras ao imperador Vijayanagara. Contudo, a Bíblia estava presente em numerosos quadros interpretativos de cenas da história sagrada: um "Rico e Lázaro" de Manohara, da Índia, formidável de verdade **actual**; naturalismo perfeito em Chang-Chao-Ho, da China, numa "Criação" e em cenas várias dos dois Testamentos; riqueza de estilo em Tran Minh Tho, do Viet-Nam, em dois belos quadros; o expressionismo simbólico de Angelo da Fonseca e de Susei, da Índia; a delicadeza de La Hung Nien, da China, numa "Anunciação", e a encantadora interpretação do texto: "não havia lugar na estalagem...". Os olhos prendem-se a um quadro de Frank Wesley: a pecadora chorando sobre os pés de Cristo. Está ali a nossa alma quebrantada. E tudo é beleza, suavidade, profundidade, extase ou ingenuidade, intimismo, ânsia de testemunho, comunhão



no martírio. Desde a nitidez amorosa dum S. Francisco de Assis, do japonês Seikyo Okayana até à visão espiritualíssima duma cabeça de Cristo no "perdoa-lhes, Pai", do industano Trivikram, percorrem-se todas as gamas da expressão artística da fé. Uma Ceia esculpida em marfim numa miniatura que a ampliação fotográfica revela perfeita, deixa-nos assombrados. Aí se vê em tudo como a comunhão romana, ao enveredar pelos aspectos plásticos da fé, perdeu decerto muito do espírito bíblico, jeovista, mas consegue por vezes, muitas vezes, eficazes elementos didáticos. O que vemos em cada um dos extremos da realização cristã é um erro de proporção, tão somente, a que nos queremos furtar. Eis o que vamos pensando ao ver tanta beleza e tanto desejo de beleza.

Outro ilustre filho da Igreja Lusitana partiu desta vida, Joaquim Pinto da Conceição. Do último número do "Raio de Sol", publicação que com ele desaparece, transcrevemos este trecho esclarecedor: "...tendo aceiteado o Senhor Jesus como seu Salvador aos dez anos de idade, pôde consagrar-lhe mais de setenta anos da sua vida, e já bem pertinho da partida podia dizer com humildade, firmeza e alegria: "Vivi até ao fim na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a Si mesmo por mim". Rapazinho, jovem, homem, ancião, sempre guardado e amparado por Ele, serviu e honrou o seu Senhor, e proclamou por obras e palavras o poder da Sua graça Salvadora". Que o seu exemplo frutifique.

Num eco do número anterior, que saiu com vários erros que muito lamentamos, vinha, por um lapso de memória, estropiado o nome de um grande amigo de Portugal, Monsieur Émile Daeschner, cristão reformado de sólidas convicções que foi ministro da França no nosso país de 1913 a 1920. A distinta família Daeschner cultivava sempre, em Neuilly sur Seine, onde reside, o amor a Portugal e às coisas portuguesas. Aí recebem e leem desde o seu início a nossa modesta revista. Tanto Mr. Daeschner como seu filho Philippe falam correctamente o português. Sua neta Mlle. Claire, "cheftaine" da Federação dos Escoteiros de França, fez serviço no último

"jamboree", em Moissons, no Campo dos Delegados. Devemos ao nosso amigo sr. Henrique Alves de Azevedo estas excelentes informações.

Outra exposição em Novembro, também notável: a Exposição Colonial Belga, no Palácio Foz. Não é aqui o lugar para louvar o esforço admirável da "pequenina grande Nação" que tem lutado sempre com o choque interno de duas estirpes, e o choque externo da incompreensão de dois ou três vizinhos absorventes, e, todavia, deu um exemplo espantoso a todo o mundo, na criação do império congolês. O que particularmente aqui focaremos é a imparcialidade nobilíssima com que são apresentados os dados estatísticos e as demonstrações fotográficas da obra missionária, tanto protestante como católica-romana, obra grande, de um lado e de outro. Ali se reconhece a grandeza de ânimo de governos que têm condecorado e louvado missionários pelos seus feitos, sem olhar à confissão que serviram, mas olhando a que serviram a Deus dentro da sua comunhão peculiar e à Humanidade dentro da sua esfera social.

Notícias de Espanha, recebidas pela "Hoja Paroquial" de Madrid, nos alegam sobremaneira: a eleição episcopal do Reitor da Igreja do Redentor naquela cidade, Rev. Fernando Cabrera; a visita do Revmo. bispo de Meath, a Madrid, com a confirmação de quarenta fieis, a instituição de cinco diáconos, e, dois dias depois, a ordenação desses cinco, e mais um diácono que há anos esperava essa feliz oportunidade. Os novos presbíteros, entre os quais contamos velhos amigos queridos, são os Rev. Santos Molina, Adolfo Araujo (coadjutor do Revmo. Bispo eleito, presidente da Igreja Reformada Espanhola); Salvador Sevilha, Inácio Mendoza, José Busquets e Inácio Morales. Sinceramente nos congratulamos com os nossos prezados Colegas.

De Mauriac, o escritor católico-romano que todos conhecemos, ou supomos conhecer, diz Roberto Kemp, numa crítica recente ao último livro daquele, "La Pierre d'Achoppement": "Fiel, sem dúvida, por tenaz vontade, à maternal Igreja Romana, ligado a ela "como a hera abraça

velhos muros, a despeito dum espírito crítico despido de complacências..." contudo descobre nela, mais amargamente após a proclamação do dogma da Assunção, fraquezas, compromissos que ele não ousa chamar pelos seus nomes, mas que todavia designa com a sua áspera eloquência, e um furor que concede a si próprio o prazer de dominar e de vencer. Porquê, dir-se-á, esta confissão pública? Não é a qualquer padre, no tribunal da penitência, que se deveria acusar dos seus deslises, das suas rebeliões? Ele não gosta dos teólogos. Não quer provas da existência de Deus e da Redenção por Jesus, além das que lhe vêm do íntimo — "Deus sensível ao coração". Todavia é um teólogo ou um dos que administram a Igreja e a pilotam nas águas perturbadas da política, da economia, que o teria podido livrar... Medite o leitor no que aí fica, para melhor avaliar o catolicismo romano lá de fora.

A propósito do assassinato dum jovem por outro, em Melun, em Dezembro de 1948, só recentemente julgado, crime que para muitos franceses envolve a cumplicidade de toda uma sociedade, com seus filmes criminosos, seus romances policiais, seus desportos absorventes, sua linguagem despejada, sua disciplina familiar reduzida à última expressão, diz uma das personalidades consultadas pelo "Figaro", M. David: "As melhores famílias sofrem mil penas para evitar a seus filhos, por uma formação positiva e religiosa, por uma espécie de vacina, os contágios semeados pelos micróbios infecciosos que pululam". Outro consultado, o Dr. Robin, diz: "Em lugar de se libertar o homem dos seus instintos, libertam-se os instintos do homem". E repete a solene frase de Madame Roland, ao subir ao cadafalso: "Ó liberdade, liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!" E ainda acrescenta: "O cinema é uma obra prima didáctica: pedagogia do roubo e do crime, apologia do rufião, da "vamp", da prostituta. Os magazines e suas confidências: escola de vaidade, negação do esforço, milagre das "vedetas". Certos jornais banham-se em sangue. A T. S. F. segue o movimento, "ralentado" pelos intermédios de Bach e de Beethoven". Sangrenta ironia esta, contra o mau cinema, a má imprensa e a má radiodifusão.

Um telegrama dos fins do ano passado, de Telavive, a mais recente cidade palestiniana, construída há quarenta anos, informava que o arqueólogo israeliano, Prof. Sukenik, da Universidade Hebraica, procedendo a escavações ao norte da referida cidade, deparou em Tel-el-Jerixé com uma fortaleza construída sobre camadas de tijolos de barro, cozidos ao sol. Das muralhas exteriores, com cerca de dois metros de espessura, e que encerram uma rede de pequenas câmaras, descem encostas inclinadas para o sopé do baluarte, certamente preparadas para abater os inimigos que tentassem a escalada. Estavam cobertas por camadas de terra em que foram encontradas ferramentas dos operários. Encontraram-se também escaravinhos de ouro, idênticos aos descobertos nos vestígios do domínio dos hiksos ou reis pastores, no Egipto; assim como anéis de sinete e fragmentos de vasos de Chipre e Messénia, e o punho duma espada. Naquele lugar existiu uma comunidade danita há uns quatro mil anos. Ali se estabelecera a tribo de Dan depois da conquista, entre Saráa e Estaol, como temos narrado em Juizes, capítulo 18:1 e 2.

As pedras continuam falando.

HOMENS DE DEUS

O Apóstolo S. Paulo, escrevendo a S. Timóteo um dos seus admiráveis ensinamentos, diz-lhe: "Mas, tu, ó homem de Deus, fuge destas coisas e segue em tudo a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão".

Quais eram "as coisas" que justificavam essa determinação do grande Apóstolo ao seu filho na fé? Diversas e todas mui prejudiciais a uma vida cristã sincera.

É assim que os tempos de Timóteo não eram muito diferentes dos actuais, pelo menos quanto aos sentimentos deploráveis que se cultivam hoje, quando a avareza, o amor das riquezas, as discórdias, as blasfêmias, os pleitos, as contendas, as práticas impiedosas e sobretudo a descaridade, têm um lugar destacado, até mesmo entre os que se dizem religiosos, desta ou daquela seita.

Vivemos numa época de materialismo apavo-

rante; em dias de ganância e ambições desmedidas! As palestras, até nos lares mais piedosos, giram em trono de um premente assunto: melhorar a vida material e física, tão somente! Àquele viver humilde, sóbrio e pio, tão do agrado dos verdadeiros cristãos de todas as épocas passadas, é sobreposto um existir enervante de predomínio, de vaidade, de exhibições, de corrida para o maior ganho, do avanço aos lucros proibidos, aos excessos de zelos remissos, às condenáveis demonstrações de força, ao assoberbamento das energias intelectuais, tudo isso em desprestígio dos nobres sentimentos que selam o verdadeiro homem de Deus!

Que fazer? S. Paulo, verificando as dificuldades que o jovem ministro vinha enfrentando, posto à frente da tarefa de tamanha responsabilidade, num meio totalmente pagão e adverso, chama-lhe a atenção para aquelas coisas que deveria combater sem tréguas, **havendo-se com santo carácter, com santo valor, num viver exemplar**, a-fim-de impressionar bem àqueles a quem fôra enviado, e, com abnegação, os levasse a corrigirem-se e a tomar o caminho que o Cristianismo nascente, mas já florescente em muitos lugares, apontava a todos os homens de boa vontade.

Eis a lição. Que todos quantos sejam cristãos vivam a vida que o Cristianismo ensina e requer, guardando-se das influências perniciosas do século, observando, a rigor, os mandamentos da Lei de Deus, esforçando-se pelo reconhecer os direitos alheios, combatendo, primeiramente, em si mesmo, as ambições malsãs, as contendas, o espírito faccioso, e colocando a piedade e a caridade em primeiro lugar nos seus pensamentos, palavras e acções.

E esse viver seja também o dos ministros do Culto, para que contagiem outros e os levem à santidade imperiosa que assinala os verdadeiros homens de Deus!

Rio de Janeiro, 9/8/951

Euclides Destlandes

(Da Igreja Episcopal Brasileira)

É com alegria que iniciamos colaboração brasileira, com o artigo inédito do Rev. Euclides Destlandes, descendente duma notável família de origem francesa que serve e ama Portugal e o Brasil desde o século XVII.

MENSAGEM

aos Médicos Evangélicos, lida após o culto vesperiano, no dia de S. Lucas, na Igreja Lusitana de S. Paulo, em

LISBOA

Prezados Colegas e Irmãos em Cristo!

Vieste hoje a esta veneranda Casa de Oração, para dardes graças a Deus pela vida e ensino do Evangelista S. Lucas, aquele a quem S. Paulo chamou "o médico amado".

Confesso não possuir os conhecimentos de História da Medicina necessários para ter uma ideia bastante precisa do que seria o exercício da nossa arte no tempo de S. Lucas. É natural que só com dificuldade fosse possível distingui-la, da magia, por um lado, e da curandeirice pelo outro. Todavia, ao percorrermos os escritos canónicos que a Tradição da Igreja atribui a S. Lucas (ou sejam, o Evangelho que tem o seu nome e os "Actos dos Apostolos") não podemos deixar de ficar impressionados com algumas das suas frases. Por exemplo, se compararmos as suas descrições da cura da sogra de Pedro e do milagre do leproso, com as dos outros "sinopticos", verificaremos que são bem as narrativas dum médico; há nelas um inconfundível sentido clínico. No caso do Pai de Publio, o diagnóstico é feito com dignidade e concisão exemplares. É porém sobremaneira interessante a sua linguagem, no incidente daquela pobre mulher que sofria de metrorragias e que os médicos não tinham conseguido curar. No comentário que S. Marcos faz à falha dos meios terapeuticos empregados, sente-se o ressentimento do leigo pelas limitações da medicina e até uma pontinha de desprezo pela actuação dos clínicos: "Havia **padecido muito** com muitos médicos (talvez não padecesse tanto se não se metesse com eles...) e dispendido **tudo quanto tinha** nada lhe aproveitando, **antes indo a pior** (S. Mar. 5:26). Ainda hoje se fazem reflexões destas... S. Lucas contudo limita-se a dizer que "...por nenhum **pudera** ser curada" (S. Lucas 8:43). Isto é, os médicos haviam feito o possível, a doença porém era incurável. Defendendo desta forma os seus colegas, deixa-nos o nosso Colega,

o nosso Patrono S. Lucas, uma lição de deontologia profissional, que em pleno século XX está longe de ter sido totalmente aprendida...

Há todavia uma outra faceta em S. Lucas, que nós, médicos evangélicos, não podemos de forma alguma olvidar. Lucas não era para S. Paulo apenas o "médico amado", mas ele era também um dos seus "companheiros de trabalho". (File. 24) S. Lucas é pois um dos muitos médicos que, a par da medicina, cultivava outras artes e praticava outras actividades. É um cronista escrupuloso, e um escritor, cuja elegância e elevação de estilo, todos os conhecedores do grego são unânimes em elogiar. Uma tradição do século VI apresenta-o como pintor; é natural que seja apenas uma lenda, ainda que algumas das suas descrições, como a Anunciação, o Natal, o episódio de Marta e de Maria, são verdadeiros quadros, repassados de simplicidade tão suave que faz lembrar a pintura medieval; mas todas estas actividades haviam sido postas ao serviço do Reino de Deus. Num país como o nosso, em que as camadas superiores, praticamente têm ficado por influenciar pelos ideais da Reforma, nós, médicos evangélicos, pelas possibilidades que possuímos, somos, pela força das circunstâncias, chamados a seguir muito de perto o exemplo de S. Lucas, no sentido de nos tornarmos de alguma forma "companheiros de trabalho" dos que totalmente foram dedicados ao trabalho apostólico de proclamar o Evangelho. Que esta comemoração de S. Lucas, celebrada nesta Igreja de S. Paulo, aquele que dizia "Ai de mim se não prégar o Evangelho" tenha podido vincar esta solene verdade, nas consciências dos médicos que nela tomaram parte.

Colegas! Que teremos nós feito, dentro da nossa nobre profissão, para estender o Reino de Deus e valorizar os princípios do Evangelho entre os que, por preconceitos ou por ignorância, não entram nos nossos templos, não leem os nossos jornais, nem sequer se apercebem da nossa existência, como cristãos independentes de Roma?

A última referência que S. Paulo faz nas suas epístolas, ao seu amigo e companheiro fiel, é sobremodo dramática: "Demas me desamparou... e foi para Tessalónica, Crescente para Galácia, Tito para Dalmácia. **Só Lucas está comigo**" (2 Tim. 4:10,11). Ao vermos recortar-se na penumbra da lobrega prisão, o perfil

carinhoso de S. Lucas, o único amparo que ficara ao cansado Apóstolo quando o fim da vida se avizinhava a passos largos, não podemos deixar de reconhecer que o Médico verdadeiro é isso mesmo, **é o que fica**. Uns fugirão com medo de contágio, outros porque já não sentem forças, outros porque perderam toda a esperança, ainda outros porque se acabou o dinheiro... mas o Médico digno desse nome, **fica**, suavizando, quando já não puder curar, cumprindo a sua bela missão de apoio moral, de última esperança humana, para o pobre enfermo que sente com terror fugir-lhe a vida. Feliz o médico que conhece o remédio para esse terror — a Boa-Nova do amor de Deus revelado em Cristo!

A nossa época, infelizmente, não é propícia à formação do carácter sacerdotal da profissão que adoptamos. A progressiva socialização da Medicina tende a transformar o médico num burocrata, pretendendo fazer do médico e do doente, simples peças duma complicada máquina, que nunca poderá ser eficiente enquanto não levar em conta aquela espontaneidade que deve ser a base das relações entre o doente e o **seu** médico. Nós, médicos evangélicos, temos de resistir cristãmente a esta tendência, teimando em ficar médicos, e em vermos naqueles que nos procuram **doentes**, e não beneficiários da instituição de previdência que porventura sirvamos, e isso a despeito de todas as injustiças com que fomos tratados. Todas estas nuvens hão de se dissipar, e, no fim, o doente acabará por verificar, como S. Paulo, **o médico** foi quem afinal ficou ao pé dele.

Sejamos médicos da escola de S. Lucas e teremos feito muito para salvar a Medicina duma das suas mais graves crises, que, no fundo, é talvez mais de ordem moral que de qualquer outra natureza.

Vosso na esperança do Evangelho

Luis Rodrigues Pereira

A direcção, redacção e administração de **ecclesia**, desejam boas festas aos seus amigos e assinantes.

Hinódia Lusitana

A Igreja Lusitana tem estado, nestes setenta anos últimos, num período concessivo, digamos assim, a respeito de cânticos "paralitúrgicos" (porque a eles se referem as rubricas do Livro de Oração Comum, mas de facto não existe nenhuma colecção aprovada expressamente pelo seu Sínodo, antes sòmente uma colecção interconfessional, tacitamente sancionada, à falta de melhor, por isso chamo paralitúrgicos aos cânticos usados).

O L. O. C. contém, além da versão em redondilha menor, poeticamente imperfeita, que vem a páginas 372 da 3.^a edição, do "Veni Creator Spiritus", para a qual se propôs já uma variante, saída na nossa revista, os vários cânticos da Igreja preparados para serem cantados em cantochão; por isso, quando nas rubricas do livro se fazem referências a hinos compreende-se perfeitamente que se trata de cânticos espirituais dum tipo diferente, a que se adapta a música moderna, e de que é único exemplo no livro o já citado "Veni Creator Spiritus".

As Igrejas verdadeiramente **reformadas**, isto é, não **revolucionárias**, ao aceitarem o novo estilo da hinódia cristã, não repudiaram o estilo antigo, mais próximo de aquele que nosso Senhor usou — o que é pelo menos um título de respeito. E vem aqui a propósito recomendar ao leitor o magnífico estudo das origens líricas, nas "Lições de Literatura Portuguesa, Época medieval", do sr. Prof. Rodrigues Lapa, Coimbra, 1943.

Estamos nós entre o velho e o novo estilo, cantando **em salmos** (o louvor arcaico, que nos recorda os cantores do Templo) e **em hinos** (o louvor incerto dos pagãos de cultura grega, mas depois de ungido da Graça revelada por Cristo) e **em cânticos espirituais** (o louvor sempre actual, que vai acompanhando a evolução do espírito humano em ânsias renovadas, e renovadoras, de arte). Assim se verifica, em nosso juízo, a aquiescência compreensiva, através dos séculos, à exortação de S. Paulo aos Efésios (cap. 5:19).

Uma nota que ainda não vi expressa por aí, nas revistas da especialidade, desejo aqui oferecer com o pedido de atenção particular para ela. A música sacra moderna foi-se adaptando à poesia

moderna, tanto à redondilha popular como ao verso latino e ao heroico dos meios cultos. E belas produções se registaram, apesar dos moldes clássicos, com exigências **exteriores** de metro, ritmo e rima; mas não se pode negar que esse triplo espartilho formal comprimiu e por vezes até deformou a ideia. Na poesia profana dos contemporâneos aí estamos nós vendo a reacção, que vai longe demais, na opinião de muitos, dando ao versejador ensanchas para alinhar frases longuíssimas, onde não se vislumbra já a "música da ideia", que terá de sempre caracterizar a poesia, distinguindo-a da prosa, mesmo da melhor prosa. Não vê o leitor nisto uma justificação da letra poética, mas livre, ou antes, livre e por isso poética, dum **Te Deum Laudamos**, dum **Venite Sanctus Spiritus**, onde a elasticidade do cantochão respeita o pensamento do poeta sacro, que não foi forçado a contar pelos dedos as sílabas, a cortar ou a juntar sílabas, nem mesmo a forçar-se a "pensar em alexandrinos", como Junqueiro dizia que pensava, mas sòmente a pensar em graça, livre de módulos de escola?

Bem haja a Igreja Reformada, respeitando o cantochão que nos leva a cantar com a Igreja Militante, dos mártires, confessores e doutores que assim cantaram, e de igual modo respeitando o **modo novo** do coral luterano, da cantilena huguenote, das canções metodistas e dos recentes despertamentos, ainda que sempre depurando e seleccionando, repelindo as cançonetas de sabor profano, e as coplas de trivialidade chocante.

Uma necessidade que urgentemente se impõe ao Colendo Sínodo Lusitano, que tão zeloso se tem revelado na custódia da nossa herança litúrgica, é o da preparação dum hinário expungido de banalidades excessivamente prosaicas, de erros de doutrina, que infelizmente aparecem nas colecções existentes, por vezes sem intenção, assim o creio; e coordenadas dentro dum sistema litúrgico e não com o aspecto confuso que quase por completo se observa.

De erros de doutrina — a mais chocante afirmação que faço — dou aqui um exemplo: numa bela composição, dum grande evangelista que tinha

a poesia na alma, como já foi dito, Henrique Maxwell Wright, diz-se assim, em oração patética:

"Ou, se voltares, esses céus rompendo..."

Como assim? Se voltares? O poeta não quis dizer isso. O provável sentido da frase será: "se eu ainda estiver quando voltares..." Seria assim, mas não está lá.

E assim pelo estilo; muito há que corrigir. Não, mondando belezas, por um falso conceito de gramática seca e fria, como fizeram alguns censores sem poesia, em algumas colecções, mas tendo em mente todos os factores a considerar: respeito ao estro, maior respeito ainda às almas simples, que necessitam de clareza, e ainda mais, respeito ao Senhor a Quem louvamos e a Quem servimos, com doutrina pura, clara, elevada e santa.

Um outro defeito vulgar nos nossos hinários, defeito principalmente para a nossa Igreja, contrária ao individualismo tão cru no serviço divino, é o de os hinos serem na sua quase totalidade expressões de **cada alma** e não expressões das **almas reunidas** no mesmo espírito. É lamentável que haja tão poucos hinos colectivos, falando na terceira pessoa do plural.

E para terminar: não esqueçamos a lição da história sempre elucidativa: à sombra do prestígio obtido primitivamente pelo cisma de Prisciliano, na nossa terra, seja qual fôr o grau de heresia que ele tenha comportado, e talvez também pelo impulso dos arianos e outros hereges, procurou-se nos séculos V e VI, entre nós, inculcar erros de doutrina por meio da hinologia popular. Era então um inteligente meio de **propaganda**, a tal propagação dirigida, pois os populares se tornavam assim os locutores inconscientes das "emissoras naturais" deste tempo: os córos, organizados ou não, em louvor do "Divino". Às vezes as infiltrações eram subtilíssimas, como a de cantar o "Gloria Patri" omitindo o **et** entre "Filio" e "Spiritus Sancto". Como quem dissesse: "Glória ao Pai e ao Filho Espírito Santo". Aí viam os teólogos ressaibos de macedonianismo, a heresia que negava a personalidade do Paracleto, doutrina derivada do humanitarismo de Ário. Isto já pelos anos de 538, como sabemos por uma consulta de Profuturo de Braga a Vigílio de Roma.

O P. Mário Martins, S. J., que no-lo reconta, no seu belo livro "Correntes da Filosofia Religiosa em Braga dos séculos IV a VII", Porto, 1950, acrescenta, a pág. 117 o seguinte: "Ainda em 561

Lucrecio e outros bispos do concílio bracarense decretavam o seguinte: "Aprouve, igualmente, que fora dos salmos ou das escrituras canónicas do Velho e Novo testamento, nenhuma composição poética se cante na igreja, como ordenam os santos cânones" (cân. XII). Por seu lado os **Capitula Martini** insistem no mesmo ponto... Isto é: "Em como não é permitido recitar, na Igreja, salmos poéticos ou ler livros apócrifos. É preciso que se não recitem, na igreja, salmos de composição particular nem se leiam livros que não estejam no Cânon, mas somente os canónicos do Velho e do Novo Testamento". Seriam alguns destes hinos anteriores aos priscilianistas? Parece-nos que sim. Já os arianos abusaram bastante da salmodia, para introduzirem os seus erros. Divididos em grupos, salmodeavam alternadamente, interpolando alguns versos ao sabor dos seus dogmas".

Quanto bem e quanto mal se pode fazer por meio do canto! Que cuidado é necessário!

A Igreja Episcopal Brasileira, aliás com possibilidades muito maiores que as nossas, está, quanto nós sabemos, nas mesmas condições que nós: usando hinários gerais, sem divisão lógica e litúrgica das composições sacras, falhos de cânticos para certas circunstâncias, e com os defeitos já apontados, e em que não devo insistir. Isto revela-nos como tem parecido difícil obter uma colecção conveniente, à maneira da inglesa intitulada "Ancient & Modern Hymns". Não basta saber português e arte poética e teologia e regras pedagógicas para uma tal tarefa. É preciso ser poeta de raça e homem de oração, com o sentimento de uma missão especial da parte de Deus. E só Deus, de facto, nos pode enviar tal homem.

Poetas de Hoje

Uma maçã, só uma,
Jamais enche um cabaz,
E uma árvore, em suma,
Um bom pomar não faz.
Mas se a bondade (alguma...)
Num só homem brilhar,
É fruto que avoluma
E iremos partilhar,

Maurício Carême (belga, contemporâneo)

A TI, Ó DEUS

Música de: *J. Stbellus*

Letra de: *E. M.*

The musical score is written in 2/4 time and consists of four systems of two staves each. The first system is in B-flat major. The second system changes to D major. The third system returns to B-flat major. The fourth system concludes in D major. The melody is primarily in the treble clef, while the bass clef provides harmonic support with chords and bass lines.

*A Ti, humilde preito,
Divino Autor do Bem.
Por Ti foi tudo feito,
O Amor de Ti provém.
Da Teu impulso emana
A vida universal;
Aclama a raça humana
Bondade tanta, paternal!*

*Os ventos e a neblina,
Marchando à Tua voz,
A Tua lei divina,
Respeitam, como nós.
A divina Presença
Ao coração apraz;
Revogada a sentença
Os salvos gozam doce paz.*

*És Tu, Senhor, Quem veste
O lírio e o colibri;
A voz que Tu nos deste
Se elevará a Ti.
Por entre mil florestas
Avulta um tronco nu:
A Cruz, na qual atestas
Que o vero amor, Senhor, és Tu!*

COMEMORAÇÕES DO BIMESTRE

1 de Janeiro : *Circuncisão de Jesus Cristo* (S. Lucas 2:21)
 6 de Janeiro : *Epifania ou manifestação de Cristo às Gentes*
 (S. Mateus 2:1 a 12).
 25 de Janeiro : *Conversão de S. Paulo* (Actos 9:1 a 12).

2 de Fevereiro : *Purificação da B. V. Maria* (S. Lucas 2:22 a 40).
 24 de Fevereiro : *S. Matias* (Actos 1:15 a 26).
 27 de Fevereiro : *Cinzas ; 1.º dia da Quaresma.*

NO ÁTRIO

ANIVERSÁRIOS

3 de Janeiro — Igreja de S. Mateus, Vila Franca de Xira.
 6 de Janeiro — Igreja do Bom Pastor, Candal, Vila Nova de Gaia.
 9 de Janeiro — Igreja de S. Pedro, Lisboa.
 25 de Janeiro — Igreja de S. Paulo, Lisboa.

OITAVÁRIO DE ORAÇÃO PELA UNIDADE

Entre as várias iniciativas de oração unida, que nos começos do ano se efectivam, ECCLESIA escolhe e recomenda a que tem seu início na sexta-feira 18 e termina em 25 de Janeiro. Esperamos que sejam distribuídas às nossas congregações as indicações necessárias para se poder acompanhar este esforço ecuménico.

NA NAVE • UM SÓ

" Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, Homem "

1.ª a Timóteo 2:5

ENQUANTO a intriga procura dividir os seres humanos, ou por ambição, para reinar nas partes desavindas ou nas parcialidades rivais, cuja rivalidade ela mesma criou ou desenvolveu, ou por um prazer doentio difícil de explicar, que talvez tenha diagnóstico na medicina mental, a parte mais sã da humanidade aspira à união. Ora a união material obtem-se pela aceitação duma unidade moral. Por isso nosso Senhor afirmou: "Um só é o vosso Mestre, o Cristo, e vós todos sois irmãos". Não há aí dois factos conexos ou vizinhos. Há mais do que isso: a

relação de causa e efeito. Somos irmãos **porque** só um é o Mestre de todos.

Pelo mesmo motivo S. Paulo afirma expressamente que há um só Deus, porque implicitamente demonstrara haver uma outra unidade: " todos os homens ", pela qual se deveriam fazer " deprecções, orações, intercessões e acções de graças " (vers. 1 do capítulo do nosso texto), nomeando expressamente dentre ela os " reis e todos os que estão em eminência " (vers. 2), sem que por isso se desmembrasse essa unidade social, alvo da nossa intercessão; e para a qual unidade colectiva apela o amor de Deus nosso Salvador (vers. 3), " que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade (vers. 4).

Não há, evidentemente, uma unidade física, como, nos seus momentos de loucura homicida, desejava Calígula ver nos cidadãos de Roma: que todos tivessem uma só cabeça para a poder decepar. Mas se todos tivéssemos " um só coração ", no sentido espiritual, claro, como o nosso Salvador recompensaria em bênção esse corpo místico que realizava a Sua vontade! " Se vos reunirdes concordemente (isto é, com os corações unidos) seja o que for que pedirdes vo-lo farei ". Que admirável promessa e que vergonha a nossa!

Há, sem dúvida alguma, uma unidade vista pelo amor de Deus, que deve ser considerada pela nossa intercessão: " todos os homens ". E a boa vontade dos cristãos não fica na intercessão deprecatória, pois deve subir à acção de graças, quando " todos os homens " ou uma parcela deles, nos despertam esse movimento de gratidão. Dar graças por todos os homens, que grande remédio contra a inveja, esse virus que escapa a todos os filtros humanos e só é vencido onde o antibiótico do Evangelho, a penicilina celeste, cria um ambiente novo, de graça e de amor! " Fulano, para quem não tenho sentido inclinação, é feliz. Graças, Senhor. A Cicrano, que me fez mal, as coisas lhe correm bem. Graças, Senhor. Beltrana, para quem os ventos são propícios, é a mesma que me

volta as costas. Graças, Senhor". Acaba a má vontade, a vingança, a falsa justiça.

E que riqueza de vida humana há neste pensamento, que rompe o férreo colete da ascese individual; do horror que desce da repugnância, tão legítima, do pecado da carne, até à repugnância pela própria carne, criação de Deus; o horror da vida, da arte, da família humana, enfim, o que foi o erro dos encratitas e dos albigenses, entre tantos outros!

"Paz e boa vontade na terra aos homens!" cantavam os anjos na noite do Natal de Cristo.

Eu bem sei, nós bem sabemos, o que S. Paulo nos ensina: "A carne deseja contra o espírito e o espírito contra a carne". Essa é a regra desde a queda. Mas o Evangelho é prégado para romper a regra da queda, as consequências do pecado original, fazendo com que a carne, vencida, deseje segundo o Espírito. O mesmo apóstolo, que dramaticamente exclama: "quem me livrará deste corpo mortal?" acrescenta logo, vitorioso: "Por isso eu domino o meu corpo e o reduzo à escravidão". E não implicava essa servidão uma espécie de suicídio parcial, resumido por ele no "não toques, não proves, não manuseies", dos fariseus orgulhosos na força do seu "eu", mas numa absorção de toda a sua vida na evangelização, quer estivesse em penúria ou abundância, quer entre intelectuais de Atenas ou perante a massa humilde da Ásia Menor, quer invocando a sua origem nativa de membro do povo desprezado, quer declarando-se cidadão do Império triunfador e tripudiador.

S. Paulo era um membro do corpo de Cristo, que soube descrever como ninguém, mas não deixava de se fazer tudo para ganhar todos para Cristo: "todos os homens" que são a unidade almejada pelo coração renascido, ansioso de interceder e de testemunhar.

Lancemos um olhar rápido para a história dos homens: deuses tribais, guerra entre tribos; deuses nacionais, guerra entre nações; muitos deuses, muitas guerras. Jeová deus único, Sião reino unido. Infiltrações pagãs em Sião, divisão dos reinos de Judá e Israel.

No dia em que todo o mundo reconhecesse um só Deus, seria criada uma nova Humanidade. No dia em que todos os cristãos reconheçam um só Cristo, formarão uma só Igreja. Disse-o Ele.

Que visão admirável: "E haverá um só

rebanho e um só pastor" — Aquele pastor perfeito que pelas suas ovelhas deu a preciosa vida. Um só Mediador entre Deus e os homens, como diz o nosso texto.

Aqui se estabelece agora a diferença entre intercessão e mediação. Jesus Cristo intercede connosco, mas só Ele é mediador nosso. Porquê? Para interceder suplica-se, e Jesus, de facto, toma-nos pela mão e leva-nos ao Pai; e pede connosco. Na sua passagem pela terra tanto Ele pediu! Mas para mediar, intervir, advogar, arbitrar, invocam-se credências, argumenta-se, e Cristo argumenta por cinco bocas, que os cravos e a lança abriram no Seu corpo sem pecado. Ele é advogado porque pode invocar a Lei: cumpriu-a; e pode pedir clemência: teve-a perfeita, na hora terrível da Cruz. Perfeito advogado, perfeito mediador, notai-o agora, por ser "Jesus Cristo homem".

Fosse ele o fantasma divino que Marcião o herege e os seus sequazes imaginaram, um ser celeste com aparência humana, e não verdadeiro homem: não poderia ser o mediador perfeito, que participa das qualidades das duas partes a aproximar. Aquele em Quem habita a plena Deidade é senhor de real humanidade. "Porque não temos, diz-nos o escritor da carta aos Hebreus (4:15), um Sumo Sacerdote que se não possa compadecer das nossas fraquezas, pois foi tentado em tudo à nossa semelhança, excepto o pecado". Deus criador da Humanidade, Homem amigo da Humanidade, Ele nos apresenta a aliança perfeita do poder e do amor, Poder que cria em amor, e amor que restaura com poder. Assim nós O vemos, O amamos, e Lhe rendemos graças para sempre. Amem.

LUSOGRAMAS

Já restabelecido, o director de ECCLESIA agradece às "Novidades" as obsequiosas transcrições feitas tão desenvolvida e desenvoltamente no seu número de 26 de Novembro.

— A visita do Rev. Domingos Maurficio, S. J., ao Senhor Presidente do Conselho, levando-lhe dez mil escudos de restituição ao Estado, de tributo sonogado por um industrial arrependido, é uma nota comovente da influência cristã. Caso isolado, creio que inédito, que nos recorda o velho e amplo costume das restituições de consciência,

para as quais há na América do Norte e na Grã Bretanha uma rubrica especial no orçamento geral. Caminhamos para um cristianismo prático.

— Como Paulo repreendeu Pedro, ou como João Baptista repreendeu Herodes, não teríamos dúvida em repreender o senhor Cardeal Legado por ter dito, segundo os jornais que deram trechos do seu discurso no encerramento do Ano Santo: que o papa supera Cristo... Em nada um homem supera Cristo. Mesmo quando Ele disse que maiores coisas faríamos, entendemos que, se se chegam a realizar, é por Sua bendita agência.

— Duas visitas interessantes: uma, dum senador norte-americano, do partido conservador, Mr. José Martin, que informou o Senhor Cardeal Patriarca do grande desenvolvimento do romanismo no Japão; outro o Dr. I. S. Yun, da Universidade de Seul, e membro da Igreja Metodista na Coreia, que nos informou da grande obra cristã e humanitária, na sua pátria, assolada pelo comunismo. Os diários não nos informaram de certas particularidades, que merecem referência. Fazêmo-lo nós.

— Numa palestra radiofónica do Prof. Mendes Correia, este ilustre homem de ciência fez magníficas referências ao Prof. Monod, director da IFAN, em Dacar, cuja actividade é deveras admirável. E resumia o retrato moral do cientista francês, que traz consigo a responsabilidade dum grande nome: "vive para a sua obra, para a sua família e para a sua fé". Nobre exemplo, este.

— Notai bem: O Evangelho não consiste em esconder ou em disfarçar o mal, mas em curar-nos e defender-nos do mal. Quantos se enganam!

— O "Raio de Sol", mensário para adolescentes que terminou agora a sua publicação, ao fim de 27 anos projectos e regulares, publicara em Agosto e Setembro uma biografia do presbítero da Igreja Lusitana Rev. Diogo Cassels, da autoria do pastor baptista snr. Raul Pinto de Carvalho. É um documento honesto e louvável.

— "Hussitas", segundo o dicionarista snr. Augusto Moreno, eram hereges que sustentavam serem as boas obras indiferentes para a salvação da alma. Isto é erro, e é lamentável num homem de responsabilidade mental. Os hussitas tiveram erros na sua doutrina, mas não esse. O sr. Moreno deveria fazer a emenda.

— Faleceu Otoniel Mota, professor e filólogo de grande reputação, escritor elegante e terso, que, como Eduardo Carlos Pereira, Erasmo Braga, Vicente Temudo Leça, António Trajano e outros ilustres homens, foi ministro evangélico brasileiro. Aqui exprimimos a nossa saudade e a nossa admiração.

— Tanto se fala das virtudes ocidentais, bom é lembrar os seus defeitos, para conveniente correcção: por exemplo — uma moral na paz e outra na guerra;

uma moral do Estado e outra do indivíduo; uma moral do homem e outra da mulher. Não é assim? Tomai nota, que o defeito não é da lei escrita, mas da praxe.

— No Ministério da Educação Nacional e sob a presidência do seu digno subsecretário reuniram os srs. inspectores e directores dos distritos escolares. Entre os assuntos ventilados figurou a luta contra o analfabetismo entre os adultos. Oxalá se encontre solução para esse grave problema nacional.

CONCURSO LITERÁRIO DE "ECCLESIA"

Está enfim aberto o concurso da nossa revista. Pomos nele uma alentadora esperança: — de que virá revelar belas vocações, de novos prosadores, e de que nos dará magnífica colaboração, neste novo ano.

Não faz ECCLESIA acepção de pessoas, quanto a idade, sexo, condição ou confissão. Simplesmente rejeitará originaes que incluam matéria política, controvérsia sectária, ataques pessoais, ou quaisquer notas menos honestas. Todos os leitores podem, pois, concorrer, usando a forma habitual das senhas em sobrescrito cerrado, e neste o mesmo lema ou pseudónimo que assinar o trabalho.

Fica bem expresso que, afóra as exclusões indicadas, o tema é livre: — prosa que ocupe de uma a três páginas da nossa revista, em corpo 8; de essência, tendência ou alvo cristão — seja meditação, apologia, investigação crítica, ficção, etc.

Os prémios, oferta de duas senhoras amigas de ECCLESIA, são:

1.º . . . 500\$00 — 2.º . . . 100\$00
além de menções honrosas, tantas quantos os trabalhos que ao júri o merecerem.

O júri poderá deixar de conferir um ou outro dos prémios se os trabalhos apresentados o não merecerem.

O prazo do concurso é de cinco meses prefixos, encerrando-se portanto em 31 de Julho.

Os trabalhos premiados ficarão propriedade da revista, que os publicará quando entender.

Só no caso de o concorrente ser premiado com qualquer dos prémios citados deverá apresentar prova de ser assinante pessoal de ECCLESIA, no ano de 1952, podendo fazer nessa ocasião a sua assinatura.

O Júri é constituído por quatro ilustres escritores, cujos nomes serão indicados no próximo número, e pelo director da nossa revista.

Esperamos que os prémios serão entregues em sessão literária, no Norte ou em Lisboa, conforme a conveniência dos premiados.

Enderêços do Rev. Clero e dos srs. Pregadores Licenciados da Igreja Lusitana

- Rev. A. Ferreira Fiandor, Presbítero, Presidente do Sínodo.
Chalet da Bela Vista, Torne, Vila Nova de Gaia — Tel. 3057.
- Rev. Josué Ferreira de Sousa, Decano dos Presbíteros.
Rua de Azedo Gneco, 4, 4.º, Lisboa.
- Rev. José Pereira Martins, Presbítero.
Rua de Almeida Garrett, 18, Setúbal.
- Rev. Augusto Nogueira, Presbítero.
Rua de Leote do Rego, Devesas, Vila Nova de Gaia.
- Rev. Armando Pereira de Araújo, Presbítero.
Rua de Camilo Castelo Branco, 17, Vila Nova de Gaia.
- Rev. José Maria Leite Bonaparte, Presbítero.
Rua do 28 de Maio, Oliveira do Douro, Gaia.
- Rev. Agostinho Ferreira Arbiol, Presbítero, secretário no Norte.
Rua do Cativo, 6, Porto.
- Rev. Eduardo Henriques Moreira, Presbítero.
Rua das Janelas Verdes, 32, Lisboa.
- Rev. Dr. Daniel S. de Pina Cabral, Presbítero.
Rua da Infanta D. Maria, 97, Porto
- Rev. Dr. Luiz César Rodrigues Pereira, Presbítero, secretário no Sul.
Quinta do Bacalhau, Vila Franca de Xira — Tel. 32.
- Rev. Josué Ferreira de Sousa Júnior, Diácono.
Rua de Feio Terenas, 20, 1.º, Lisboa.
- Rev. Vidal Vieira dos Santos, Diácono.
Rua de Gomes Freire, 68, 3.º, Porto.
- Rev. Luiz Manuel Crespo, Diácono
Rua do Duque de Saldanha, 62, Porto.
- Dr. Leopoldo Fernando dos Santos Figueiredo, Pregador licenciado.
Calçada das Lages, 6, Lisboa — Tel. 21884
- Harold M. Flower, Pregador licenciado.
Rua do Rei Ramiro, Vila Nova de Gaia.
- Manuel Baptista Vasco, Pregador licenciado.
Avenida do Conde de Valmor, 115, r. do c., Esq., Lisboa — Tel. 73517.
- António Coelho de Almeida, Pregador licenciado.
Rua do Barão do Córvo, 818, Vila Nova de Gaia.
- Luiz Filipe Schenck Rosa, Pregador licenciado.
Bairro de S. Roque da Lameira, 21, Porto.

ELEMENTOS DESTACADOS NA OBRA MISSIONÁRIA:

- Rev. António Pinto Ribeiro Júnior, Missionário associado da UCC
Caixa postal 230, ou Alameda Silva Carvalho, Nova Lisboa, Angola.
- Samuel de Oliveira Coelho, Professor-missionário.
Caixa postal 11, Bailundo, Vila Teixeira da Silva, Angola

Ecclesia

Encontra-se à venda na:

Livraria Aillaud & Lellos

Rua do Carmo, 82

LISBOA

Tabacaria Aliança

Rua de Santo António, 19

PORTO

Ecclesia

	Assinatura	Venda avulso
Império Português	25\$00	5\$00
Países Estrangeiros	30\$00	6\$00

Assinatura anual — 6 números — a tratar com a Administração ou com qualquer dos Ministros da Igreja Lusitana.